



Figura 38 – Dona Santa

## 7.2 UM ESBOÇO DE ARQUEOLOGIA DA CASA GRANDE

Em 1717, no lugar da aldeia de água saída do mato, dos índios Kariri-Kariú, numa das três datas de terra da sesmaria do riacho Cariús, no período da civilização do couro às margens das três estradas que ligavam a Paraíba ao Piauí, Crato-Inhamuns e Inhamuns-Pernambuco, deu-se início a construção da tapera de água saída do mato, feita em taipa no chão batido, encruzada sem paredes laterais.

As matas foram derrubadas e transformadas em pastos, surgindo as fazendas, e da tapera de água saída do mato ergueu-se a Casa Grande da Fazenda Tapera que no ano 1933 foi comprada da família Filgueiras de Barbalha pelo comerciante local de rapadura Manuel Ferreira Lima, “Neco Trajano”, por dois contos de réis, um conto no ato da compra e um conto após um ano. A promissória, um cabelo de bigode.

Após a compra Neco Trajano chamou seu primo e mestre de obra, Odilon Ferreira Lima, que deu a Casa Grande a sua atual fachada, sendo habitada até o ano de 1975, quando foi abandonada em ruínas.

Em 1992 foi restaurada e transformada na sede da Fundação Casa Grande (ONG) para funcionar o Memorial do Homem Kariri.” (Cartaz na parede do Memorial do Homem Kariri).

Nos últimos dias em Nova Olinda resolvi dar uma olhada no que havia de material em vídeo, produzido pelos meninos e meninas da Casa Grande, sobre a Fundação. Chegar a esse material não foi fácil, pois os meninos tinham dificuldade de entender que me interessava não apenas os vídeos finalizados, mas, principalmente, o material bruto de registro.

Conversando com Mêires pedi que ela contasse uma história da Casa Grande através das fotos catalogadas e arquivadas em mais de trinta álbuns. Contudo, não surtiu o resultado que esperava: a conversa ficou um tanto “burocrática” e os comentários seguiam a linha dos “álbuns de família” mostrados às visitas - interessando mais a quem mostra (que se diverte ao relembrar, falando como que para si) do que a quem vê.

Dias depois propus que me contasse a história da Casa Grande com o intuito de fazermos uma “linha de tempo”, contando os acontecimentos mais marcantes e significativos para ela. Mêires ria muito ao lembrar “daquele tempo”, um tempo que dava saudade. Coisas que ela ia dizendo se complementavam com outras que havia pescado em conversas com Alexandre e Diassis quando já tinha como objetivo levantar um pouco da história da Casa Grande - a memória viva nas lembranças dos meninos e meninas que a viram crescer e se transformar ao longo do tempo.

Depois desse dia finalmente consegui começar a assistir as fitas de vídeo que há tempos havia pedido para João Paulo (gerente da TV) mostrar. E que surpresa agradável encontrar nesse material ainda mais estímulo para as escavações da memória e para compartilhar com as meninas e meninos uma nostalgia atualizada pelas imagens. Um e outro vinham ao espaço da TV Casa Grande, e ficavam um pouco assistindo comigo, e riam bastante revendo imagens de dez anos atrás. Muitas das coisas que havia tomado como problema com relação à interação da Fundação com seu entorno, isto é, concluindo que havia naquele momento certo isolamento da Fundação, que parecia ter se tornado uma ilha no meio do “açude de casas”, ou um oásis no meio do deserto (para utilizar uma imagem evocada por eles), foram recolocadas vendo as fitas. Assistir às filmagens evocou em nós uma história da Casa Grande, e uma curiosidade acerca de como fora o percurso até aqui, fazendo-nos perguntar do quê sentem nostalgia.

Na verdade não fazia parte das pretensões metodológicas uma arqueologia da Fundação (e nem chegamos a tanto). Queria, se tanto, realizar um estudo descritivo, que provavelmente não chegasse a ser um “estudo de caso”, tendo em vista o pouco tempo que dispunha, mas seria algo circunstante, isto é, procuraria mostrar, como o instantâneo momento de uma fotografia, aquilo que se conseguia “ver” num instante, num fragmento de tempo – os dois meses que ali vivi –, a condensação de um misterioso trajeto. O máximo que parecia possível seria *imaginar* um mundo com os mundanos, e partilhar, se possível, das impressões e construções de significado acerca do “objeto-Fundação”, o que se caracterizaria como uma atividade de co-construção do próprio objeto costurando a dispersão de enunciações heterogêneas numa “formação discursiva” paralela: o texto. O trabalho posterior seria o de realizar conexões entre os discursos, se possível encontrando algumas convergências e regularidades no estabelecimento circunstante de uma rede semântica no interior do texto.

Algumas das fitas de vídeo que assisti mostravam claramente que muitos dos

primeiros “projetos” da Fundação (se é que podemos chamar assim àquelas iniciativas) tinham o claro objetivo de envolver o entorno (fossem crianças ou adultos), como o projeto de pintar as fachadas das casas. Era o tempo em que a Fundação promovia festivais (Manero Pau, Quadrilhas, bandinhas de lata); apoiava “festas populares” (Semana Santa, Caretas, Pau-de-Sebo); realizava campeonatos com as crianças e jovens (futebol, bila, peão)... Aos domingos se passava filmes (uma TV 14 polegadas em cima de uma mesa e uma caixa amplificadora) na frente da Fundação, para quem quisesse encostar. Havia também o projeto *A Casa Grande em sua rua* (quando se escolhia determinada rua para passar filmes e *slides* do projeto Casa Grande); e um projeto de *contação* de histórias para as crianças; havia o jornal e a radiadora (um alto-falante em cima da casa)... “Com o passar do tempo as coisas foram surgindo e as necessidades foram chegando” (informação verbal<sup>33</sup>). “Fábio, tu é doido!, a Casa Grande mudou demais” (informação verbal<sup>34</sup>). “Talvez a Casa Grande não esteja mais como era por falta de tempo.” (informação verbal<sup>35</sup>). Segundo Mêires, a partir das doações veio a necessidade de pessoas para cuidar das coisas, foram-se formando os “setores” e o pensamento de que “toda coisa tem que ter seu gerente”.

O que vi e ouvi foram uma série de táticas e estratégias de interação com o entorno da Fundação que se modificaram, se formalizaram (por exemplo, “A Casa Grande em Sua Rua” se transformou nas sessões de cinema no Teatro) ou deixaram de existir. Fiquei imaginando que talvez a Casa Grande esteja num momento de **sedentarização de uma forma** para ganhar uma autonomização do que foi criado. Concluí que esses momentos de invenção da instituição já foram de certo modo estabilizados através da reprodução dos modelos de ação que deram certo como forma de se conseguir a autonomia de funcionamento e a duração da instituição no tempo. Algumas organizações tendem a perder certa vivacidade, certa criatividade, certa flexibilidade ao passo que vão se instituindo. O que era feito de forma

---

<sup>33</sup> Alexandre.

<sup>34</sup> Diassis acerca de como a Fundação cresceu em infra-estrutura e organização.

<sup>35</sup> *Idem*.

fluida e tateante, quando está efetuando bons resultados, acaba por se transformar em **modelo**, e a organização, que agora deve ao “fora” sua visibilidade e sustentabilidade, tende a arrefecer o “brilho”. E de tal brilho alguns membros compartilham um sentimento de nostalgia, outros nem tanto.

Bem, na Casa Grande existiu, por exemplo, esse momento que você está dizendo, existe esse momento, por exemplo: a sessão... a brincadeira de bila. Hoje ela acontece naturalmente aqui na Casa Grande. Na época foi preciso a gente trazer essa brincadeira de bila que era feita no “mei” da rua, né? Pra isso a gente organizou um campeonato de bila, num é? Então isso era dizendo que a Casa Grande gostava de folguedo popular, né?, infantil, e trouxe o jogo de bila pra dentro. Hoje isso acontece normal, não precisa mais fazer um campeonato de bila. Pra isso a gente usou a câmera, tipo assim, pra mostrar o campeonato de bila, pra mostrar a bandinha de lata (o festival de banda de lata). A câmara, o elemento audiovisual, entra aí como um elemento de valorização. Então filmar, ser filmado, entra aí como um momento que tá se sentindo importante. Hoje as coisas acontecem naturalmente. Não precisa mais eu filmar o menino jogando bila pra dizer, pra saber que a Casa Grande tem o jogo de bila como uma coisa bonita e importante. Porque você vê assim: chega uma pessoa de fora, talvez chame mais atenção um jogo de bila do que uma câmera que os meninos tão aí no laboratório... Então a sessão de cinema a gente levava, botava a TV lá na frente, e passava pra comunidade no lado de fora. Era a infraestrutura que a gente tinha na época. A gente ia na rua porque também era a infraestrutura, mas aquilo tudo era pra convergir pra um momento mais maduro que era ensinar a ir ao cinema. Se você pegar a cultura hoje das pessoas tem sido assim: assistir a um show [...] a maioria da população do interior do Brasil assiste show ou no meio da rua, ou em bar. Quando é no meio da rua foram os políticos que trouxeram, a prefeitura que fez um show no meio da rua; quando é em barzinho, quando não cobra ingresso ta vinculado à bebida. Então esse ato da pessoa vir ao cinema hoje da Casa Grande, se comportar, aquelas vinhetas que diz “dentro de poucos instantes...”, aquilo tudinho é didaticamente ensinando a pessoa a conviver com um ambiente intimista, de educação mais refinada, ta compreendendo? Então hoje o ato desse menino, desde subir a tela, de organizar a sessão, de lazer do Teatro Violeta Arraes que vai ter aqui, existe um aprendizado pelos dois lados: um aprendendo a ser platéia e o outro aprendendo a ser produção. Então há nesse momento, é assim, um lazer enriquecido de pedagogia, enriquecido de uma didática, ta entendendo?, do ensinar... É, vamos dizer assim, há um processo pedagógico, ta entendendo? Há um processo pedagógico [que] não é só a questão de passar filme pra comunidade, mas quando o menino dá uma falha aquela falha... A mais você... só porque na hora de passar o filme não saiu som, né? Nem tem nada demais, né? Tem sim. Aquele menino que era do som naquela hora ele falhou, ta entendendo? Aquele pessoa que era platéia na hora do filme ele pegou e fez o que? Ele pegou e ficou conversando o tempo “todim” atrapalhando? Então há um aprendizado dos dois lados. Então nós estamos num momento onde esse aprendizado refinou, e o interessante é que aconteça isso. O “refinado” não significa excluir, porque a contra-informação trabalha no sentido contrário. Quando se diz assim: não, eu vou tocar música brega porque o povo só gosta de brega na rádio. Pelo contrário, a gente vai por outra concepção. Não, bota uma tela

ali, não precisa comprar um telão de 700 DPI de resolução; não, compra qualquer coisa, bota aí qualquer coisa e bota pra esse povo. Então traz qualquer filme, bota só filme de kung-fu, isso num vai... Então há um interesse maior em aprofundamento. Por isso que a gente às vezes... Num é que a Casa Grande modificou, é que a gente caminhava nesse sentido e vem caminhando nesse sentido. (informação verbal<sup>36</sup>).

Eu vejo com naturalidade, eu vejo que a Casa Grande não tem se engessado não. Eu não tenho sentido esse engessamento não. Eu sinto assim os meninos bem livres mesmo. 'Cê vê que os meninos tão aí, aí corre, vão fazer o programa de rádio, às vezes nem lava as mão aí é preciso a gente brigar, aí corre vai lavar a mão pra poder fazer o programa, né? Então eu vejo que a Casa Grande ela continua lúdica, igual ela iniciou (...). É, porque não tem, eu acho que é a forma de gestão que a gente criou aqui dentro, essa forma de cada jovem, cada menino gestar. Então a coisa é sempre lúdica porque se tivesse... Esses dias chegou uma criatura aqui querendo falar comigo, aí disse: "Não, porque eu tô querendo conversar, vamos pra sua sala?" Aí eu tava ali perto da cozinha e disse: "Não, vamos sentar aqui mesmo." Porque não tem essa sala aqui, pra ser a sala dos diretores, né, que dá aquela coisa formal, aquela coisa que, não tem isso aqui na Casa Grande, né?, esse espaço reservado. Às vezes a gente quer um lugar pra ficar, pra conversar, bater um papo, e os meninos ficam aí... (informação verbal<sup>37</sup>).

#### A Fundação Casa Grande começou... E tinha a finalidade de...

Surgiu do início de quando a gente se conheceu e que a gente começou a trabalhar com música, primeiro músicas regionais, e se sentiu essa vontade de conhecer mais da cultura local. Então a gente iniciou essa pesquisa de conhecer mais essa cultura dos índios da região. Então começamos a iniciar essa pesquisa da cultura dos índios da região e através dessa pesquisa uma coisa foi puxando outra, uma pesquisa mesmo antropológica, uma coisa foi puxando outra, que foi puxando a outra, um informante foi levando a outro informante, que foi levando a outro, e daqui a pouco a gente tava com uma rede de coisas. Então a coisa foi se avolumando e a gente foi compondo, foi direcionando a música cada vez mais pra aquele objetivo, praquilo que a gente tava pesquisando, que a gente tava querendo, e a coisa foi ficando mais, e foi dando resultado, as pessoas, a gente chegava lá no Paraná, no Rio Grande do Sul, o povo super nativista, e a gente cantando música do Cariri, falando em Cariri, batendo pedra, pote, num sei quê, e era premiado, e o povo gostava, era premiado. Então tava dando certo, né? Então tava dando certo vamo melhorar que o caminho é esse. Então aí veio essa idéia, a Casa Grande estava aqui em ruínas, era da família de Alemberg, e na época ele estava realizando uma assessoria pra prefeitura nessa área de cultura e tudo, e a gente tava vindo muito aqui à Nova Olinda. Então surgiu vontade de fazer aqui e teve uma abertura da família e uma série de facilidades que então a coisa deu certo. Então vamo criar, então vamo criar a Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri, puxando as duas idéias do Museu do Homem Americano e do Memorial da América Latina, puxou essas duas idéias e deu esse nome. Na época a gente buscou apoio da Fundação Memorial Padre Cícero que tinha sido criada a pouco tempo e tinha um museu ainda lá Íris Batista que na época deu uma assessoria e nos auxiliou nessa parte de estatuto que a gente não tinha muito conhecimento.

<sup>36</sup> Alemberg.

<sup>37</sup> Rosiane.

A gente formatou o estatuto da Fundação, a parte legal e tudo, e instituiu a Fundação sem ter muito essa noção, quer dizer, terceiro setor pra gente não era uma palavra muito utilizada. (informação verbal<sup>38</sup>).

[...] porque na Casa Grande na realidade, na realidade, é o seguinte. Eu fiz, eu como Alemberg falando, como criador dessa Instituição, eu fiz isso, tudo isso que eu estou fazendo é pra um menino que sou eu! Assim, é esse menino que eu busco agradar, o doce que eu tô comprando é pra esse menino, e esse menino ele já não é mais, ele perdeu, vamos dizer assim, a sua individualidade, né? É um menino mas é um menino... figurado, é?, que chama? [*Imaginário*.] É, um menino imaginário. Porque toda vez que eu assisto Cinema Paradiso eu me emociono porque eu comecei a fazer cineminha em casa e hoje tá com uma tela de cinema pra mim assistir. A primeira vez que eu me deparei com um cinema eu fiquei assim encantado com o cinema. Então tem aquela cena do Cinema Paradiso, né, daquele menino que no final ele chega na cidade dele e entra no cinema e só ele senta e manda rodar a fita, né, que é a fita que Alfredo deixou pra ele, que é a emenda de todas as partes que eram cortadas pelo padre. Então eu entrei nesse cinema, eu comecei a fazer cinema na marra, fazer cinema... E veja só, tem uma coisa, né?: me disseram que Tarkovski era bom, eu comprei as 4 coleções de Tarkovski pra assistir pra ver porque é bom, estudar porque é bom. Eu continuo sendo a pessoa que não sabe, que não assistiu o filme. Eu montei o cinema mas não assisti o filme, ta compreendendo?

Então é isso, sabe assim, é aquela coisa: porque existe o personagem Kariuzinho [guardião da Casa Grande, o índio Kariú tem sua estatueta numa redoma de vidro na Sala dos Santos, o primeiro cômodo do Memorial]. O Kariuzinho, na realidade, é como se fosse uma encarnação minha, aquele que leva pro passado, aquele que leva pro futuro né, aquele que leva o menino pra caverna e aquele que leva pra Stanley Jordan. Então que leva pra Tarkovski, que leva pra Fellini e leva pra... Ta entendendo? Porque se você pega o cinema de uma pessoa dessa ele não tem tempo, ele ta em todos os tempos... (informação verbal<sup>39</sup>).

Rosiane e Alemberg, interessados por música, resolveram sair pela região do Cariri Oeste visitando os lugares sagrados dos índios, procurando vestígios dessa cultura desaparecida e inspiração para compor suas melodias. Durante as andanças reuniram rico acervo de objetos indígenas e muitas histórias contadas por antigos moradores descendentes dos Kariri. Realizaram, a princípio intuitivamente, uma pesquisa arqueológica utilizando método etnográfico e dispositivos sertanejos de coleta de informações: um bom “dedo de prosa” motivado pela sincera vontade de conhecer sua história contada pelas pedras milenares e corpos seculares. Já antes de fundarem a Fundação eram conhecidos na região como uma referência em termos de pesquisa arqueológica e cultural. “A gente já recebia visitas de

---

<sup>38</sup> *Idem*.

<sup>39</sup> Alemberg.

universitários na nossa casa, já era convidado para algumas palestras, falar a respeito, já era uma fonte de consulta”, diz Rosiane.

Na época a gente viajava muito, eu e Alemberg, e teve assim dois projetos que inspiraram muito a gente. A gente vinha pensando em como fazer esse espaço, e a gente pensava assim, o que vinha na nossa cabeça na época era uma “casa de cultura”, um centro cultural, não era uma coisa assim muito formatada, porque essa legislação do terceiro setor a gente não tinha muito acesso (...) então duas coisas inspiraram muito a gente: uma foi o Memorial da América Latina, que a gente conheceu na época, né, dessas viagens. Fazia pouco tempo também que tinha sido inaugurado, sei que foi o período que a gente conheceu o Memorial; e a Fundação Museu do Homem Americano. Então a gente uniu essas duas inspirações e pensou em criar a Fundação. Aí ficamos procurando aonde nós vamos criar essa Fundação, esse “centro cultural”, vamos fazer no Crato? A gente essa época morava no Crato, onde é que nós vamos fazer, então, tinha essa casa aqui [...] (informação verbal<sup>40</sup>).

Tendo reunido o acervo agora era ter um lugar para torná-lo público. Alemberg nasceu em Nova Olinda, e sua família está na origem da cidade, tendo sido a primeira casa construída da posse do seu avô Neco Trajano.

Neco Trajano era alegre e gostava de contratar violeiros para fazer cantorias, contar estórias, o que atraía muita gente para o terreiro em frente à casa.

Porém, em 1938, Neco Trajano saiu para caçar e não voltou mais. Foi encontrado em uma pequena casa que lhe pertencia, enforcado. A causa encontrada para o suicídio foi a acusação de que Neco Trajano estivesse tendo um caso com uma moça que trabalhava em sua casa, da família Rola, que passou a persegui-lo.

Santana [sua esposa] morreu alguns anos depois, em 1952. Os filhos ficaram na casa até 1960, quando cada um tomou o seu rumo. Niêta arranhou um emprego em sua agência dos correios do Crato, onde faleceu. Logo após a sua morte, o cajueiro que lhe pertencia adoeceu, perdeu as folhas e morreu em seguida.

Antônio Maranhão tornou-se um andarilho, poeta. Pequena ficou no Crato, depois voltou para Nova Olinda. João Lima viajou para São Paulo e também retornou anos depois.

Miguel, o filho mais novo de Neco Trajano e Santana, nas brincadeiras, apresentava o desejo de ser médico. Era ele quem consultava as bonecas de suas irmãs em caso de doenças. Ele era o equilíbrio e o espelho da família.

Tornou-se farmacêutico em Nova Olinda. Arrancava dentes, fazia partos e ajudava às famílias da cidade e dos sítios distantes. Na época, fundou a amplificadora “A voz da liberdade”, com quatro alto falantes, a primeira rádio de Nova Olinda.

Miguel casou-se, continuou morando na cidade. Foi prefeito de Nova Olinda de 1971 a 1973. Sua administração agradou a população, pelas obras e pelo seu carisma.

Um dos filhos de Miguel, Alemberg Ferreira, herdou muitas características

---

<sup>40</sup> Rosiane.



do pai. Alegre, carismático, aproveitou em sua infância todas as diversões de Nova Olinda: tomar banho de açude, ouvir seu Zeca discutir com os sapos, brincar no cajueiro dos seus tios.

Mas o seu passatempo preferido era ir para a casa de Dona Artemísia. Ela guardava em um baú um índio de madeira chamado Kariuzinho. Quando Alemberg chegava em sua casa, ela mostrava o índio e ensinava para os meninos tudo o que sabia sobre o passado dos índios Kariri.

Um dia, durante escavações sob os cajueiros, foram encontrados montes de cacos de panelas e utensílios para cozinha, fabricados pelos índios. Ficaram em exposição na amplificadora A Voz da Liberdade e marcados na mente de Alemberg.

Aos nove anos de idade, em 1973, Alemberg deixou Nova Olinda em direção à cidade de Miranorte, hoje estado de Tocantins, onde morou com seu pai e irmãos até 1983.

Dos filhos de Neco Trajano, cada um tomou seu rumo. Deixaram a casa só, apenas Antônio Maranhão, o poeta, permanecia por perto. Houveram algumas chances de alugar a casa, mas Maranhão não deixou.

A última tentativa ocorreu em 1975, desde então a casa nunca foi habitada. Maranhão andava por lá eventualmente. Alimentava as formigas e animais [...] Escrevia poesias e fazia desenhos nas paredes. Como pertences, tinha apenas um grande pote de barro e algumas peças de roupa, todas de cor branca.

De tempos em tempos Maranhão viajava. A casa foi se estragando, paredes caindo. A vegetação tomou conta dos cômodos e derrubou as paredes. O lugar serviu de banheiro público por muitos anos e pelo aspecto de destruição, a primeira casa de Nova Olinda ganhou a fama de ser mal assombrada.

Alemberg, filho de Miguel, voltou de Goiás para o Crato em 1983. Alistou-se na marinha para conhecer o mundo, ampliar seus horizontes.

Enquanto aguardava as viagens pelo mar, foi levado para o grupo de jovens de uma igreja, por insistência de uma tia que queria encaminhá-lo para a vida religiosa. Na igreja, conheceu Rosiane Limaverde, uma das cantoras do grupo de jovens. Os dois tinham a mesma idade, nasceram no mesmo dia, 19 de dezembro de 1964, no mesmo Hospital São Francisco, no Crato.

Ao chegar na igreja, Rosiane concordou que Alemberg fizesse parte do grupo musical, mas o colocou tocando um violão sem microfone ou amplificador, bem atrás dos outros músicos. Alemberg se chateou, ameaçou deixar o grupo duas vezes, mas acabou voltando. Por ocasião de um festival de música, Alemberg convidou-a para participar com ele do evento e acabaram namorando.

Com Rosiane e mais três músicos, Alemberg fundou a banda “Os meninos dos Quindins”, de onde surgiu o seu nome artístico, Alemberg Quindins.

Sobre casamento com Rosiane, Alemberg conta: “um dia, na casa de um ex-padre que tinha se casado, ele virou pra mim e pra Rosiane e disse: por que é que vocês não se casam? Aí a gente ficou com vergonha de dizer que um não queria casar com o outro, aí casamos!”

Logo após o casamento, Alemberg foi chamado pela Marinha do Brasil para servir durante um ano na base Almirante Ari Parreira, 3º Distrito Naval em Natal, Rio Grande do Norte. Ele serviu a Marinha durante “um ano, um dia e três horas”, conforme seus próprios cálculos.

Quando retornou de Natal, assumiu o casamento com Rosiane e foi morar na casa de sua sogra. Passou um ano sem emprego, após algumas tentativas sem sucesso. Nesse período a ociosidade o fez lembrar das estórias fantásticas de D. Artemísia, de quando ela tirava o índio Kariuzinho do baú e contava as lendas da região do Cariri.

Alemberg resolveu andar pelo sertão, pelos pés de serra, gravando os depoimentos dos mais antigos da região que ainda guardavam na memória as lendas e histórias dos tempos do reino de Manacá e Jurema.

Rosiane acolheu com carinho aquele plano de vida que nascia nas lembranças de infância de seu marido. A partir do registro da história oral do Cariri, o casal passou a compor músicas sobre as lendas da região.

Assim surgiram canções como “A hóstia e o Cauim”, baseada em trechos do livro *Catecismo da Doutrina Christã na língua Brazilica da Nação Kiriri*, do Padre Luís Vicêncio Mamiami, com frases usadas pelos frades na catequese dos índios; “Waiucá”, sobre os cantos dos Kariris, “Maracaimbra”, sobre o canto de Maara.

As músicas do casal ganharam prêmios em festivais de música popular em todo país. Mesmo com as viagens e o trabalho musical, a pesquisa de campo nunca parou. Eles continuavam a visitar as casas de pessoas que pudessem contar mais estórias.

Outro local onde o casal buscava inspiração sobre a cultura Kariri eram as cavernas que abrigam as inscrições rupestres. Além da informação escrita nas pedras, os sons também eram captados por eles.

No número 11 da Revista *Entrevista*, do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, há um relato de Alemberg sobre uma das visitas às cavernas que vale a pena registrar: *“eu entrei em uma caverna, lá em Brejinho, que é uma caverna entre Ceará e Pernambuco. Quando eu entrei, o som que vinha de lá era como se fosse um dueto de sol. Eu criei um instrumento que desse uma seqüência de sol constante, pra que ali em cima fosse feita a estrutura musical. O nome da música se chama ‘Junto das pedras’, que fala de um indiozinho perguntando à avó dele o que é essa caverna. Aí ela diz que é o caminho dos antepassados dele. Isso faz parte da lenda que dizia: existe na pré-história passagens subterrâneas que ligavam, por exemplo, Sete Cidades a Ubajara, Machupicchu a São Tomé das Letras, o Ceará a Pernambuco, tudo por dentro das cavernas. Ela ia contando tudo musicalmente. Eu vendo aquele indiozinho com aquela avó, no que ela ia falando saía uma procissão de índios”*.

Com essa música, Alemberg e Rosiane ganharam os prêmios de Melhor Música e Melhor Arranjo do Festival de Música Instrumental de Maringá, no Paraná, em 1989.

Nessas caminhadas pelo Cariri, era freqüente que alguém desse ao casal um caco de panela, um utensílio de barro, encontrado durante escavações para a construção de poços nos quintais das casas. As peças arqueológicas somaram-se às fotos dos lugares mitológicos, aos registros da tradição oral e ao material musical de Alemberg e Rosiane. Esse acervo passou a atrair a curiosidade de estudantes do Crato, que passaram a usar o acervo como fonte de pesquisa.

Por conta disso, Alemberg e Rosiane perceberam que era necessário criar um lugar apropriado para a exposição desse material e a divulgação da cultura dos índios Kariri.

Alemberg lembrou-se da casa do seu avô, em Nova Olinda. O antigo casarão estava em ruínas. Poderia ser reformado para abrigar as peças, fotos e livros acumulados em dez anos de pesquisa. Nasce assim, o MEMORIAL DO HOMEM KARIRI. (ACIOLI, 2002, p. 15-19).

Segundo Mêires, foi feita uma parceria com a prefeitura para restaurar a casa e, em contrapartida, alguns serviços na área cultural seriam prestados por Rosiane e Alemberg. As

ações iniciais de reconstrução da Casa Grande foram o momento em que os meninos começaram a se aproximar. Inicialmente uma aproximação dos meninos para a Casa Grande, enquanto curiosidade acerca do que iria acontecer com a casa mal assombrada; e depois aproximação da Casa Grande para os meninos: um espaço lúdico que eles poderiam ter, onde se valorizava suas brincadeiras, sua meninice, suas histórias de vida.

Eu entrei mais por curiosidade. Assim: a casa, assim quando a casa tava em ruínas eu tinha, eu sempre vinha aqui, vinha matar Pardal, vinha matar morcego... Aí um dia eu vi aquele movimento dos pedreiros pra vir fazer a restauração da casa. Aí eu comecei assim: Rapaz, o que é que vão fazer ali naquela casa mal assombrada? Porque a gente tinha a casa como mal assombrada. Aí eu peguei, comecei por curiosidade. Vinha os pedreiros fazendo a reforma, aí eu chegava pra eles, perguntava, aí eles também num dizia o que era porque eles também num tavam informados, eles tava só trabalhando, fazendo o trabalho deles. Aí quando eu vi a casa toda reformada, pintadinha, aí eu comecei a vim pr'aqui. Aí eu peguei e disse desse jeito: Eu vou ver o que é que vai ter ali dentro daquela casa. Aí quando a casa foi inaugurada, aí eu entrei, entrei na casa. Aí comecei a ver, né, que era um museu. Via Alemberg explicando pro pessoal que ia chegando, aí eu comecei a aprender aquilo, assim, na medida que ele ia explicando eu comecei a aprender e quando ele não tava lá, o povo chegava, eu começava a explicar já interessado em saber por aquilo, aquelas histórias que ele contava, das lendas, aí pronto. Aí quando passou um tempo ele me chamou, eu e um amigo meu – a gente era amigo de infância, vinha muito pr'aqui -, ele chamou pra gente ser recepcionista. A gente começou começava a explicar pro povo. Aí ele pegou botou a gente pra ser recepcionista. Aí a gente ficou. Aí depois foi entrando outros meninos, vindo brincar de peão, vindo brincar de bila, de bola. Aí começou o projeto aqui, as crianças, os adolescentes chegando... (informação verbal<sup>41</sup>).

O que poderia se reerguer daquelas ruínas de tempo que, durante dezessete anos, fizeram o imaginário local construir um porão para colocar, e enterrar, um passado?

Que a gente iniciou com o programa de Memória, né? Foi o primeiro programa. Aí tudo foi implantado dentro do espaço que era o espaço que a gente tinha, que era a Casa Grande em si. O embrião de tudo nasceu na própria Casa Grande: a rádio, um pouco de arte, o próprio Memorial. Tudo funcionava naquele pequeno espaço que, na época, pra nós, nem era tão pequeno. Mas aí a gente foi sentindo necessidade de ampliar. Então veio a necessidade de ampliar a parte física, com a aquisição desse terreno aqui do lado. Então a gente fez um projeto para o Governo do Estado, pra aquisição desse espaço, que era o educandário, que estava em ruínas (aquela primeira parte de lá). E a construção dessa segunda parte aqui que foi feita em três etapas: primeiro se comprou o terreno com o espaço físico e se restaurou o que já estava construído, que era o educandário. Então se passou um tempo funcionando com essa ampliação. Então a gente pegou, por exemplo, a TV, e colocou num espaço no próprio educandário um laboratório provisório de

---

<sup>41</sup> Miguel.

TV. E a gente começou a funcionar em espaços provisórios enquanto construía essa outra parte. Depois que o Governo construiu esses dois blocos, os laboratórios, e finalizou já numa terceira etapa com o teatro. Bom, aí, uma vez construída essa parte física, aí precisava equipar, porque os equipamentos que a gente tinha ainda eram equipamentos anteriores à estrutura física ser ampliada. Então a gente já tinha feito um projeto paralelo ao projeto da compra do espaço. A gente tinha feito um projeto com o BNDES, mas o projeto com o BNDES muito vagaroso, uma burocracia enorme - demorou a construção todinha, esse projeto em andamento: papelada vai, papelada vem, aquela coisa. Finalmente, inaugurando o teatro foi que saiu o recurso do BNDES, uma parte, porque ainda tem uma parte pra ser liberada, a derradeira parcela ainda não foi liberada, ainda tá... Ainda não liberaram, ainda tamo esperando. (informação verbal<sup>42</sup>).

É porque o Memorial é onde, onde é mais ligado assim, a filosofia da Casa Grande ta toda dentro do Memorial e tudo o que a gente tem aqui surgiu do Memorial. Assim, o primeiro laboratório que teve aqui na Casa Grande foi o Memorial. Essas outras coisas vieram surgindo a partir da necessidade da filosofia da Casa Grande, como por exemplo, foi chegando menino aí os meninos se interessava por TV, aí a gente fazia um projeto e o financiador dava aquele equipamento pra gente, aí a gente ia fazer TV. Mas assim, o Memorial a gente faz dessa forma: é onde é formado recepcionista, gerentes e também guias de campo e relações públicas. Aqui na Casa Grande a gente vem fazendo a formação dessas crianças que vão chegando aqui na Casa Grande e todos os meninos pra participar da Fundação tem que primeiro passar pelo Memorial porque o grau mais alto de gerente aqui da Casa Grande é de um bom recepcionista. Todos têm que ta apto a chegar, por exemplo, assim, chegou um turista, e saber explicar a Fundação, saber tudo sobre a Fundação. Então é isso que o Memorial serve, pra formar todos os outros gerentes, todos os outros recepcionistas pra receber os turistas. (informação verbal<sup>43</sup>).

[...] então depois desses primeiros anos a gente conseguiu o primeiro parceiro que foi o UNICEF e logo em seguida a gente teve a sorte, né, de a dona Violeta [Arraes], que já conhecia a Fundação, ela nessa época morava na França, mas tinha vindo ao Cariri nesse período, e a gente tinha convidado ela pra vir conhecer a Fundação [...] na época também a gente conheceu ela através de Fernando Piançó, que era um amigo da gente que trabalhava com teatro. Então a gente trouxe, conseguiu trazer a dona Violeta até aqui. Eu me lembro que a primeira vez que ela entrou, botou os pés na Casa Grande (Alemberg nem lembrava disso, eu tava, eu tava lembrando noutro dia aí), existia ainda os alto-falantes em cima da Casa Grande que era a nossa rádio, a Voz da Liberdade, e a gente colocou o Bolero de Ravel pra recebê-la, e eu me lembro que ela entrou na Casa Grande ao som do Bolero de Ravel, e ela conheceu a Fundação, e a partir daí se iniciou uma amizade, né, com a Casa Grande. Depois ela voltou pra França. Depois a gente soube que a Ruth Cardoso vinha à Nova Olinda fazer uma visita pra lançar o programa Comunidade Solidária, porque Nova Olinda tinha sido escolhida no Brasil como o município mais carente, dos índices de pobreza, de isso e aquilo, e por isso Ruth Cardoso vinha [...] Então houve todo um cerco pra que ela não viesse até à Casa Grande, e os meninos, até a hora ela visitando

---

<sup>42</sup> Rosiane.

<sup>43</sup> Miguel.

Nova Olinda e os meninos ainda naquela ansiedade, esperando, naquela ansiedade, não sabia se ela vinha, se ela não vinha... Eu sei que finalmente ela não veio e os meninos ficaram muito decepcionados com essa não vinda dela à Casa Grande na época, e eu me lembro que nessa noite, depois que ela passou essa história toda que Alemberg colocou aquela música do Arnaldo Antunes, do Titãs, Comida, e depois a gente conversou sobre a letra dessa música, e saíram opiniões muito legais a respeito dessa coisa, que o programa tinha vindo por conta dessa coisa, problema da pobreza, mas a gente aqui tava buscando muito mais do que isso, do que só comida. A gente tava propondo outras coisas. E aí numa segunda vez que ela tava vindo aqui ao Cariri dona Violeta, já reitora da Universidade [URCA], então a TV Casa Grande foi a única TV que foi autorizada a filmar toda expedição dela no Cariri, desde a hora em que ela botou os pés no aeroporto até a hora em que ela foi embora. Inclusive Samara foi, a TV Casa Grande foi até a casa da dona Violeta. Samara entrevistou e ela inclusive chegou a dizer depois que a entrevista mais inteligente que ela teve no período no estado do Ceará foi a da TV Casa Grande, dos meninos. Ela não chegou a vir em Nova Olinda, porque a visita dela era Caririação e Crato. Mas a TV foi, a acompanhou e ela conheceu a Fundação e tal. Foi bem legal [...] então a Bia Lessa veio até o Cariri já com dona Violeta também pra fazer um filme... E deixa eu ver se isso foi antes ou depois da Regina, ou foi ao mesmo tempo... Eu sei que logo a Regina Casé veio também por intermédio da Bia Lessa e da dona Violeta, a Regina tava lançando, e do Guel Arraes, tava lançando o Brasil Legal, e queria (era o primeiro, né, do ano do Brasil Legal), e queria, e tava querendo um lugar pra estreiar esse programa, que era um programa muito legal que ela tinha, que ela ia até certa comunidade e entrevistava certo personagem. Era muito legal o programa e aí a Casa Grande foi escolhida pra fazer esse Brasil Legal. E ela veio, e a Casa Grande saiu a nível nacional, né?, nesse programa. Aí depois do Brasil Legal o Brasil soube que a Casa Grande existiu. Então veio, teve toda uma abertura do governo do estado do Ceará, que na época era o Tasso [Jereissati], que mandou chamar Alemberg pra conhecer Alemberg, pra ele conhecer a Fundação. Aí abriu as portas do governo do estado pra Fundação, veio o Instituto Ayrton Senna, porque a Regina fez o contato com a Viviane Senna e possibilitou essa parceria que foi uma parceria que durante três anos nos ajudou muito [...] e Alemberg foi convidado pela ASHOKA, né, pra ser um dos bolsistas, um *fellor*, e também com a ASHOKA veio também todo um conhecimento e uma certa sistematização também já bem moderna... (informação verbal<sup>44</sup>).

Uma característica do percurso da Fundação, desde as suas origens, é a **pertinência** com que as coisas foram surgindo (tanto uma pertinência **temática**, devido ao importante lugar ecológico, histórico e cultural que é a Chapada do Araripe, e que inspirou a criação do Memorial; quanto uma pertinência **metodológica**, isto é, o modo como se foi orientando os “acazos” na direção de uma institucionalização).

... as coisas foram surgindo de acordo com a necessidade. No início o

---

<sup>44</sup> Rosiane.

objetivo dele era fazer só mais... foi ele fez essa pesquisa musical que participava de festival; aí já tinha esse material que o pessoa ia encontrando, ia dando pra ele - machadinha, cachimbo -; aí ele resolveu fazer esse Memorial; aí depois disso foi começando a surgir essas coisas por necessidade. Por exemplo, a rádio, a rádio surgiu de uma amplificadora que tinha em 1960 que a gente resgatou, aí a gente começou com a amplificadora em cima da Fundação, aí depois foi que a rádio passou a ser FM, aí a TV da mesma forma, na medida que as equipes de TVs vinham filmar aqui na Fundação aí Samuel começou a se interessar por televisão. (informação verbal<sup>45</sup>).

Segundo Alemberg, “toda instituição tem que ter ordem e progresso”. E a Casa Grande vem realizando tal “progresso”, que resvala numa transição de valores quanto à implicação de seus membros. Pois, para os que estão entrando, o interesse não parece ser mais do mesmo tipo daquelas crianças fundadoras. O “progresso” da Fundação tem significado também uma relação que tende à instrumentalidade, pois os que estão chegando, tendo perdido o processo de construção da Fundação, isto é, não tendo vivido o tempo da escassez (infra-estrutura e equipamentos), nem tampouco tendo sido parte constituinte do “progresso” paulatino da instituição, não vêem sentido em determinadas atividades “obrigatórias”, a não ser cumpri-las para galgarem ao alcance de seus interesses. Obviamente não se trata de imprimir um juízo de valor acerca dessa disposição de alguns, mas é notório que a qualidade do envolvimento é outra.

Uma coisa, porque quando eu era recepcionista a Casa Grande só era, só era só o Memorial. Então a gente era mais ligado só ao Memorial. Eu mesmo, assim, quando a gente começou era só dois recepcionistas, um ficava no horário da manhã e o outro à tarde, e a gente ficava ali só dedicado àquilo, só o Memorial. E hoje em dia a gente já tem outros laboratórios, já tem rádio, já tem música, já tem TV e a gente começa a notar que esses meninos que tão chegando agora eles são mais assim, pela idade, eles são mais assim fácil de adquirir informação e digerir aquelas informação, e assim, eles ficam querendo cada vez mais informação. E eu acho assim, como por exemplo, o Memorial ele dá muita informação. Pra pessoa tá na Casa Grande, ser um recepcionista, ele tem que saber um pouco da filosofia da Casa Grande, que é onde abre as portas pra vim pra esses outros laboratórios. E eu vejo assim, que eles, alguns tão chegando aqui na Casa Grande, como por exemplo, tem uns que tão sendo, são recepcionista, mas tão na recepção já com interesse já em outro laboratório. Então é isso que eles vêem assim: tão na recepção pra passar assim aquele determinado momento na recepção pra depois chegar ao seu objetivo maior. Por

---

<sup>45</sup> Miguel.

exemplo, a gente tinha Guilherme, Luizinho, Tontonho e Danda - eles participam hoje da bandinha, da banda que faz o show Casa Grande FM. Então eles antes era recepcionistas e a pessoa percebia, eu percebia neles, eu como gerente percebia neles que eles não estavam interessados ali na recepção, que eles estavam interessados mais no laboratório de música. Se eles estão mais interessados no laboratório de música, vão pro laboratório de música, mas também sem esquecer da recepção que a qualquer momento pode chegar um turista, se não tiver um recepcionista na hora eles tem que ta apto pra receber aquele turista. (informação verbal<sup>46</sup>).

A própria Fundação parece se autonomizar, como um todo maior que a soma das partes, resultando que o interesse de um membro deva ser submetido ao interesse da Fundação, da qual dependem; para a qual, em certa medida, vivem, mas que também não existiria sem cada membro em particular, que lhe imprime uma face e lhe confere um compromisso com as individualidades que lhe compõem. Ou será que haveremos de concordar com o *slogan* “ninguém é insubstituível”? Seria esta, ao final, a busca e a realização da Instituição: sua independência em relação aos seus membros com vistas a perdurar, a despeito da finitude dos membros?

---

<sup>46</sup> *Idem.*



Figura 39 – Revendo fotografias com Mães





Figura 40 – Assistindo primeiros arquivos da Fundação em vídeo, com Diassis, João Paulo (farda), José (ao fundo)



Figura 41 – Educandário antes e depois da reforma



Figura 42 – Instrumentos fabricados por Alemberg e Rosiane a partir da pesquisa musical empreendida sobre a cultura Kariri